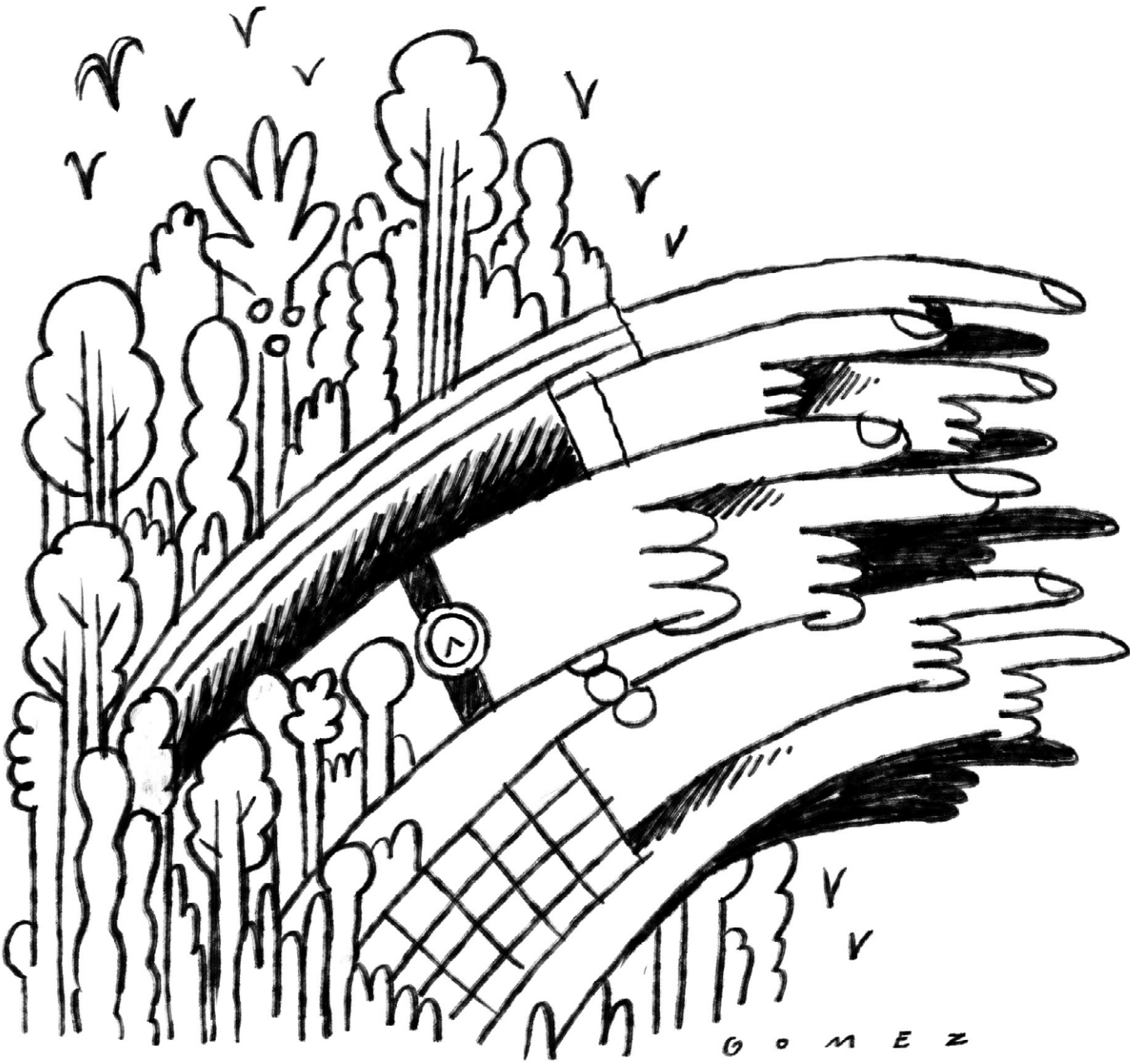


O ESG é pop?



» MARCUS NAKAGAWA

Professor da ESPM e coordenador do Centro ESPM de Desenvolvimento Socioambiental (Ceds)

Entendo que uma atriz ou um influenciador possa ser pop. Até um segmento de mercado parece que também pode ser, como se diz na propaganda. Ou ainda num show, tem aquelas bandas e cantores que são mais pop. E finalizando, na escola sempre tem um grupinho mais popular.

Pop é uma abreviatura da palavra popular, que pode ser usada em português ou inglês. E muitos batalham a vida inteira para chegar a esse status. Pop também pode ser a abreviatura de cultura popular, ou seja, a cultura de um povo que existe na sociedade. Tudo dependerá de como se usa o termo.

A sustentabilidade e o ESG estão hype, como meus alunos dizem. O acrônimo para as questões ambientais, sociais e de governança está presente na mídia, nas pesquisas e nas propagandas. Mas será que é somente uma modinha ou é levado em consideração efetiva na gestão das empresas, na qualidade dos processos, ou ainda no cerne dos produtos e serviços?

Quando a grande cervejaria apresenta os seus caminhões elétricos e suas embalagens retornáveis na propaganda, ou ainda a empresa de cosméticos coloca um contador de árvores derrubadas na região amazônica em tempo real no maior painel de LED da América Latina em Brasília, talvez estejamos mesmo popularizando essas temáticas.

Lá no *Rock in Rio* de 2022 foi realizada uma pesquisa do Datafolha que mostrou que o público está mais consciente na sua intenção de compra, sendo que 83% daqueles que foram ao primeiro final de semana do festival aceitaram pagar mais caro por produtos e serviços

que não prejudicam a natureza, ou seja, que são mais sustentáveis. E que 66% costumam, às vezes, comprar produtos sustentáveis, e 59% dos pesquisados avaliam se um produto é sustentável antes de comprá-lo.

Mais do que a pesquisa, existiam várias ações de ativação das marcas nesse grande evento que estavam ligadas às questões ambientais. Desde uma árvore gigante de copos de papel, uma estufa gigante com um ecossistema de plantas, passando por recolhimento com recompensa de copos plásticos e a parceria com empresas de reciclagem.

Talvez a minha bolha, a qual trabalho diariamente, esteja crescendo e as temáticas da sustentabilidade se popularizando. Mas ainda existe a necessidade de a temática sair do eixo sudeste do país e de um público específico. Precisamos popularizar efetivamente chegando a todo o Brasil e a todas as classes sociais. A novela *Pantanal*, na nova versão, também trouxe vários tópicos importantes para as questões ambientais e sociais. Veremos se, após o seu término, haverá um lastro de mudança efetiva com um impacto concreto. Existe um ótimo exemplo de merchandising social, que na novela de anos atrás, a atriz raspou a cabeça, explicou o que era o problema e assim aumentou a doação de medula óssea no país.

Quando o Google anunciou, no final de setembro de 2022, a pesquisa com a MindMiners com a colaboração do Sistema B, mostrando o que os consumidores brasileiros esperam das marcas em relação aos pilares de ESG, aí tive a certeza da disseminação do conceito. A pesquisa mostra que um em cada

cinco brasileiros já ouviu falar sobre o acrônimo ESG. E que quatro em cada cinco declararam que é importante a atuação de empresas e marcas em relação ao meio ambiente, panorama social e governança. Na pesquisa, ainda mostram como o consumidor acredita que as marcas devem agir em relação à temática: ser transparente sobre o impacto de suas ações nos canais de comunicação, apoiar ONGs e movimentos que atuam em questões relevantes e desenvolver campanhas de mídia que gerem conscientização e renda para projetos ou fundos de assistência social.

Os temas da intenção e da ação a partir dessas sondagens acabaram gerando uma ótima discussão quando as coloquei nos meus posts do LinkedIn. Muita gente escrevendo que as pesquisas mostram somente a intenção e que ninguém vai falar mal da natureza ou dizer que faz algo mal para o meio ambiente. E que, naturalmente, dirão que querem ajudar, apoiar e trabalhar pelo bem do planeta.

Entendo que é verdade esse ponto de vista, mas para esse argumento, coloco que muitas marcas e produtos mais sustentáveis só estão crescendo o seu faturamento. E que as grandes empresas estão comprando várias dessas startups com focos ambientais e sociais. Ainda as empresas mais sustentáveis estão recebendo mais dinheiro vindo dos investidores.

Concluindo, sabemos que o movimento existe e é crescente. E que precisamos levar a temática da sustentabilidade e do ESG para todo o país e para todos os públicos. Agora é o momento de descobrir como fazer isso. E você e a sua empresa estão fazendo o quê?

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Miopia e política

Aumentar o número de ministros que compõem o Supremo Tribunal Federal, passando dos atuais 11 para 16, poderia, à primeira vista, resolver apenas as estratégias momentâneas de grupos políticos que atuam no cenário nacional, mas acarretariam, a médio e longo prazos, problemas ainda maiores justamente para o cerne da questão, que é a harmonia e independência dos Poderes.

Os que sonham e planejam com o fim do ativismo judicial, bem como aqueles que vão na contramão, judicializando a política a cada votação, têm os olhos postos no presente, esquecendo-se das consequências de seus ardis. Tivessem olhos para ver mais adiante, saberiam que a questão toda não está na quantidade, e sim na qualidade e principalmente na maneira como esses ministros chegam aonde chegam.

O chamado ativismo judicial, de cunho eminentemente político, tem sua fonte na escolha política feita pelo chefe do Executivo. É aí que reside a origem do problema e do desprezo ao que manda a Constituição, no quesito “notório saber jurídico e reputação ilibada”, art. 102 da CF.

Mesmo o crivo realizado pelo Senado Federal, por meio de uma sabatina protocolar, não só não resolve o problema, como o agrava a imantar todo o processo com o viés político partidário.

Para aqueles que pensam que a pressão exercida pelo ativismo judicial possa ser diluída pelo simples aumento no número de ministros, criando núcleos numéricos de favoritismo para um lado ou para o outro, o engano é certo e trará consequências muito mais nefastas para esses estrategistas de ocasião.

Aqui, poderíamos usar uma expressão clássica: “É a qualidade, estúpido”. Para o pobre do cidadão contribuinte, esse aumento no número de ministros do Supremo, acarretaria, logo de saída, num aumento significativo no custo do tribunal, previsto para 2003, com a atual composição, em R\$ 850 milhões. Por si só, o notório saber e a reputação ilibada, tomados ao pé da letra, representariam pré-condição necessária para a escolha de ministros, uma vez que obrigariam aos escolhidos uma experiência longa atuando como magistrado.

Outro requisito seria o notório saber na área do direito constitucional, sendo que, nesse ponto, a sabatina deveria ser realizada dentro do Supremo pelos ministros da Casa. Os riscos no aumento de ministros do Supremo, por meio de uma canetada, são tão grandes e incertos, que qualquer mandatário, de posse desse poder, pensaria duas ou mais vezes antes de dar início a essa medida. É sabido que o STF é composto por duas turmas, um presidente, e um plenário de onze ministros, perfazendo o que ficou conhecido 14 Supremos em um só.

Com um modelo dessa natureza, qualquer aumento no número de ministros significaria um aumento no número de Supremos, elevando as tensões e, com isso, catalisando as crises institucionais cíclicas, que passariam a ser diárias. O problema com esses estrategistas políticos de meia pataca é que eles jamais tiveram acesso às obras clássicas dos verdadeiros pensadores políticos. A lista imensa e pode ser iniciada pela *A República de Platão* (428-347 a.C.), passando por *A Política de Aristóteles* indo até Spinoza, Hobbes, Maquiavel, Locke e a uma série de outros autores que se estendem até aos nossos dias. Talvez esteja na miopia política o primeiro obstáculo a ser vencido por nossos estrategistas.

» A frase que foi pronunciada

“Você tem cérebro na sua cabeça. Você tem pés em seus sapatos. Você pode se orientar em qualquer direção que escolher.”

Dr. Seuss

Folga

» Uma prova de paciência para as famílias que resolveram passear no Zoológico neste feriado. Alguns pais não se ativeram ao detalhe de que as escolas, principalmente as mais caras, resolveram emendar o feriado dispensando a criança na quinta e sexta-feira. Cinco dias para visitar o Zoo.

Poupança

» Um investimento interessante é o selo. Com uma página amigável, os Correios mostram as ofertas para a Black Friday. Selos comemorativos, lançamentos e por aí vai.

Teste

» Damares Alves, Davi Alcolumbre, Renan Filho, Rodrigo Pacheco e Tereza Cristina Alves. Nomes cotados para a nova legislação no Senado pela cadeira da presidência da Casa. Todos com chances de ganhar.

» História de Brasília

Já que o assunto é professoras, pelo contrato, o pagamento será feito até o dia 5, e, até hoje, a Fundação não pagou a ninguém. E mais: não diz quando, nem dá esperança para os próximos dias. (Publicada em 11/3/1962)

Amores exilados

» ANDRÉ AMADO

Diplomata e escritor

Assumi a cadeira 35 da Academia Brasileira de Letras (ABL) o escritor e professor Godofredo Oliveira Neto. Decerto terá influído em sua eleição a bela trajetória acadêmica em universidades em Paris II e III, em Georgetown University, em Washington, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e em algumas outras instituições de reconhecido prestígio, onde se formou, concluiu o mestrado, o doutorado e o pós-doutorado em letras. Godofredo define o universo dos exilados como “solidão em alguns; a estranha alegria em outros, a angústia da maioria”, mas não solta grito algum de indignação e tampouco ofensa ferina aos responsáveis por aquela situação. Que o leitor — e não o autor — use os impróprios que preferir.

Godofredo opta por apresentar a experiência vivida no exílio pela objetividade dos obstáculos a transpor. Por intermédio da convivência de personagens como Fábio, Baiano, Lázaro e Muriel, a vários títulos atraentes, *Amores exilados* retoma o percurso das atividades tidas pelo regime militar como subversivas no Brasil, sob a égide da Aliança Socialista Libertadora, e as prolonga em Paris. As dificuldades se multiplicam. Por exemplo: como conseguir o tal almejado estatuto de refugiado, para evitar a deportação de residente ilegal? E nota mais pitoresca: como se conformar em manter contato com o Brasil pelo telefone público em Denfer-Rochereau, que funcionava sem ficha, direto, de graça, é verdade, mas ao preço de ter todas as conversas gravadas pelos serviços de informação da França?

Pouco a pouco, a vida no exílio alimenta reflexões que abrem caminho para a revisão de algumas certezas políticas. Lázaro, por exemplo, reavalia a luta armada e a tomada pura e simples do poder pelos operários e camponeses como um erro de adolescência ou de equívoco mesmo. Baiano, por sua vez, cruza fronteiras mais sensíveis. Considera que “os horrores do stalinismo contribuíram para afastar o povo da luta por

uma sociedade mais igualitária”. Segundo ele, “a esquerda deu à direita, de bandeja, argumentos para críticas” e torce para que “esse mesmo povo, incluída a classe média, volte a reconstruir uma sociedade socialista e democrática”.

Há certa melancolia no texto de Godofredo, talvez mesmo uma expectativa velada de um dia ser admitido numa confraria literária das dimensões da ABL. “A arte”, defende ele, “só nasce de alguém desgarrado da manada; por isso, ela é meio sinônimo do sofrimento e ansiedade”. Completa: “O criador divide a criação com ele mesmo, mas a criatura, para existir, precisa do resto do grupo”. E conclui: “Daí a esquizofrenia do autor, ser social”.

Amores exilados tem como protagonistas centrais, mais do que os personagens já citados, a própria história do Brasil durante o período conhecido como os anos de chumbo e sua extensão ao degredo de segmentos expressivos da inteligência nacional. Fábio e muitos de seus parceiros na aventura forçada na França desaparecem no livro. Mas a agressão orquestrada pelo autoritarismo e o arbítrio não pode ser apagada da memória do país. Obrigada, Godofredo, por seu livro.